OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X

CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA
uniarq

7 - 2023

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA · FLUL FACULDADE DE LETRAS · fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia · CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA uniarq

OPHIUSSA REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PUBLICAÇÃO ANUAL · ISSN 1645-653X · E-ISSN 2184-173X

Volume 7 - 2023

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

CONSELHO CIENTÍFICO

André Teixeira
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Carlos Fabião
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Catarina Viegas
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Gloria Mora
UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MADRID

Grégor Marchand †
CENTRE NATIONAL DE LA RECHERCHE SCIENTIFIQUE

João Pedro Bernardes
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

José Remesal
UNIVERSIDADE DE BARCELONA

Leonor Rocha
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Manuela Martins
UNIVERSIDADE DO MINHO

Maria Barroso Gonçalves
INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Mariana Diniz
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Raquel Vilaça
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Victor S. Gonçalves
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Xavier Terradas Battle
CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS

SECRETARIADO
André Pereira

CAPA
Urna pintada da II Idade do Ferro da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

COORDENADOR DAS RECENSÕES E REVISOR DE ESTILO
Francisco B. Gomes

PAGINAÇÃO
TVM Designers

IMPRESSÃO
AGIR – Produções Gráficas

DATA DE IMPRESSÃO
Dezembro de 2023

EDIÇÃO IMPRESSA (PRETO E BRANCO)
300 exemplares

EDIÇÃO DIGITAL (A CORES)
www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X
DEPÓSITO LEGAL 190404/03

A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).

Copyright ©Revista Ophiussa 2023

EDIÇÃO
UNIARQ – Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa,
Faculdade de Letras de Lisboa
1600-214 Lisboa.
www.uniarq.net
www.ophiussa.letras.ulisboa.pt
uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).
O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.
Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

ÍNDICE

Os bifaces da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal): uma (re)interpretação 5
CARLOS FERREIRA, JOÃO PEDRO CUNHA-RIBEIRO, EDUARDO MÉNDEZ-QUINTAS

O Neolítico Médio no sítio de ar livre da Costa do Pereiro (Torres Novas) 31
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO, NATHALIE ANTUNES-FERREIRA, JUAN FRANCISCO GIBAJA

Pipas (Reguengos de Monsaraz, Évora): um sítio dos inícios do Neolítico Médio do Sul de Portugal 61
CARLOS TAVARES DA SILVA, JOAQUINA SOARES

A questão dos enterramentos em urna na Idade do Ferro do Sul de Portugal: uma revisão integrada 95
FRANCISCO B. GOMES

A ocupação romana republicana do sítio de Eira da Alorna (Almeirim) 121
JOÃO PIMENTA

O sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo, Coimbra) – Novas considerações acerca do seu posicionamento na rede viária romana 141
INÊS RASTEIRO

Recensões bibliográficas 161
(TEXTOS: ANA CATARINA SOUSA, VICTOR S. GONÇALVES, JUAN ANTONIO HERNÁNDEZ GENTO, ANA ANDÚJAR SUÁREZ, DANIEL CARVALHO, FREDERICO AGOSTO)

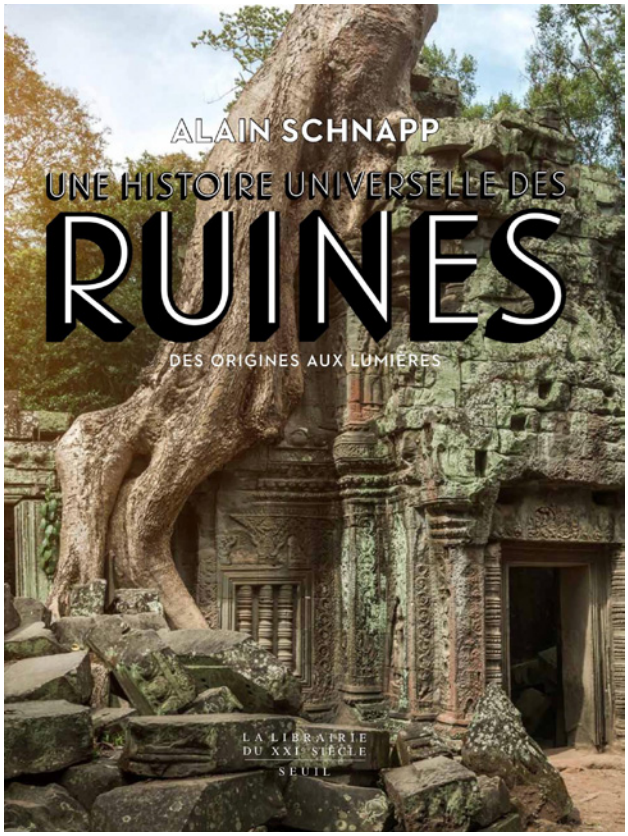
In memoriam 183
Grégor Marchand (1968-2023)

Política editorial 187

Editorial policy 188

Avaliadores Ophiussa (2012-2023) 191

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS



SCHNAPP, A., 2020
Une Histoire Universelle des Ruines: Des Origines aux Lumières.
Paris: Éditions du Seuil. 744 p.
ISBN 978-2-02128-250-4

DANIEL CARVALHO
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia
LAQU - Laboratori d'Arqueologia Quantitativa da Universitat Autònoma de Barcelona
danielcarvalho1@campus.ul.pt

https://doi.org/10.51679/ophiussa.2023.132

A História da Arqueologia tem conhecido um renovado interesse desde a emergência das grandes narrativas produzidas na transição da década de 1980 para 1990. Dentro dos autores que se debruçam sobre a descoberta do Passado, Alain Schnapp é um nome incontornável na produção historiográfica da disciplina, oferecendo sistematicamente contributos inestimáveis para a construção do pensamento arqueológico. Rejeitando o estabelecimento de escolas de pensamento como estruturas de análise, que entende serem categorias restritivas – vejam-se as duras críticas a Bruce Trigger por considerar André Leroi-Gourhan um arqueólogo essencialmente pós-processual (Schnapp 1990: 960) – e optando por ampliar os âmbitos da investigação, como é o seu projeto de desenraizar o estudo do Antiquarismo de uma vertente exclusivamente europeia para um espectro global (Schnapp *et al.* 2014), Schnapp segue inexoravelmente a lógica de Lucien Febvre – a história das ideias possui ritmos próprios.

É nesta lógica e compasso que surge *Une Histoire Universelle des Ruines: Des Origines aux Lumières*, cristalizando todas as vertentes características do seu autor. De facto, esta é uma obra monumental, em ambos os sentidos da palavra. Em primeiro lugar porque toma como objetivo estabelecer uma trajetória da ideia de ruína desde as "origens" até ao Iluminismo, centrando-se em meios geográficos completamente distintos e nas mais variadas formas de relação entre agentes humanos e os resquícios de materialidades do Passado. Em segundo lugar porque o faz ao longo de 723 páginas divididas em sete capítulos; 156 figuras que englobam gravuras, desenhos, estampas, ilustrações e fotografias e 1114 referências bibliográficas, incluindo fontes primárias e secundárias. Se Alain Schnapp toma a ruína como o objeto central da sua obra, é notório que esta é fortemente ultrapassada, a tal ponto que podemos argumentar que esta investigação se tornou numa versão atualizada, mais extensa e profusamente citada do seu *Discovery of the Past* (Schnapp 1996).

Comecemos pelo princípio, dado que Alain Schnapp faz exatamente o oposto: o seu capítulo inicial é precisamente o prelúdio do que será a conclusão final do lugar da ruína para o pensamento iluminista. O capítulo inicial *Qu'est-ce qu'une ruine?* toma a questão fundamental como o ponto de partida e expõe quer a conceptualização da ruína aos olhos do autor quer a base metodológica para a sua análise. Schnapp principia a

sua tese com uma provocação: que a ideia dos antiquários iluministas em tomar as ruínas como realidades intrínsecas ao ser humano e, por consequência, universais na forma de serem percecionadas, é redutora, devido ao horizonte exclusivamente europeu baseado numa visão do mundo greco-romano. Através de Chateubriand, Diderot e Buffon, o autor desafia uma posição unívoca oferecendo uma genealogia para além do Ocidente. Assim, uma história universal só o pode ser se não existir uma só ideia de ruína, mas antes um pensamento global sobre a ruína. Schnapp explora temporalmente a temática, inovando na consideração de fatores externos ao paradigma europeu: o mundo islâmico, a China antiga e a descoberta da América estão a par do Egipto e da Roma e Grécia antigas. Uma das valências da obra é precisamente a junção destas realidades que, num regime comparativo, ilustram a verdadeira complexidade da ruína e de um pensamento face ao Passado. Porquê uma noção pretérita? Porque Schnapp assume como vetores de análise três binómios: natureza/cultura; memória/esquecimento; materialidade/imaterialidade (p. 15). No entanto, mais uma razão pela qual se interpreta que esta é uma versão renovada da *Discovery of the Past* passa pela memória se constituir como o verdadeiro elemento-chave. Ao fazê-lo, Schnapp transporta-nos claramente para uma dimensão historicista da ruína, para um pensamento da ruína enquanto metonímia do Passado em primeiro lugar.

Ultimando o seu capítulo introdutório, Schnapp relega vários períodos cronológicos para uma componente experimental, em que explora as tensões entre a oralidade e a memória coletiva em casos como o Megalitismo em longa duração, paisagens ritualizadas da Polinésia Francesa e arquiteturas efémeras no Peru, apenas desvendando ligeiramente a multiplicidade de temas que rodeiam a ruína. A Pré-História trabalhada enquanto capítulo próprio é provavelmente a grande ausência nesta obra, a par de um debate mais vasto sobre os distintos conceitos de tempo que o autor refere (p. 26) mas infelizmente não desenvolve mais extensamente.

Assim, Alain Schnapp começa verdadeiramente a sua obra com o Egito antigo, no capítulo I *Le Sentiment du Passé dans L'Orient Ancien*, opção que reforça no texto por considerar um périplo relevante para uma comparação com as realidades mesopotâmicas e chinesas. A ruína egípcia, segundo o autor, é um veículo de comunicação entre dois mundos, o dos Mortos e o dos Vivos, que tem de forçosamente resistir às areias do Tempo. Este desejo de continuidade é aqui elencado pelas ações proativas de Thoutmosis III e Amenhotep III, cujas governações não descuram a manutenção de monumentos do Passado. Schnapp realiza o ambicioso exercício de comparar todo um conjunto de fontes da mais variada natureza: inscrições, *ostracons*, literatura relacionada com a fundação de cidades, poemas sobre atos de desmantelação de templos; o mote não é nem o tempo nem o espaço, pois navegamos rapidamente entre o Egipto e a Mesopotâmia, mas antes qualquer vestígio que enuncie a presença de uma ruína ou uma ruína futura (p. 64). Esta escolha é extremamente bem-sucedida, oferecendo um quadro único profusamente ilustrado por exemplos, que quando observados pela lente da ruína se ordenam pelo elemento comum. É dado ao Egipto e à Mesopotâmia um peso substancialmente mais elevado do que a outras civilizações, com o mundo hebreu e judaico a servirem de contraponto: se nos primeiros a ruína funciona como um mecanismo de continuidade, com os que detêm o poder a possuírem uma responsabilidade de renovação dos grandes vestígios de passados gloriosos, para os segundos as ruínas são um aviso divino, um presságio para todos aqueles que se desviam de princípios religiosos que lhes são fundamentais.

O capítulo II *«Les ruines apprivoisées» Le monde Gréco-Romain* trata essencialmente de um dos períodos mais explorados no que toca à temática, embora lance novos ângulos de análise. Heródoto e Tucídides são apresentados como dois autores com ideias de História – e a sua ruína – diametralmente opostas. Para Heródoto os monumentos são a concretização dos feitos nobres dos grandes homens, com toda a narrativa épica inerente e, por conseguinte, as ruínas são irrelevantes para os desígnios da História. Pelo contrário, para Tucídides, as ruínas possuem um lugar chave, pois são provas de algo que aconteceu, mas que têm de ser criticadas, avaliadas e interpretadas a favor de várias narrativas do Passado – posição que Schnapp não deixa de ressalvar como tendo interessantes paralelismos com o final do século XVIII na Europa (pp. 121-122). Descrevendo, *en passant*, o episódio da *archaiologia* no diálogo entre Hippias e Sócrates, o autor debate sobre as vicissitudes de um Tempo que apaga, que retira a linguagem às ruínas, transformando-as

num vocabulário incompleto. As ruínas são o produto de tragédias, de destruição, que são igualmente alimento para uma reflexão do que aconteceu. Transitando para o Império Romano, as ruínas continuam a possuir todas essas características, facto visível nos textos de Lucrécio e Estrabão, mas são igualmente uma consequência da passagem dos Impérios, das forças demolidoras, verdadeiros *memento mori*. Schnapp disserta, tal como no capítulo anterior, sobre os atos de proteção aos monumentos empreendidos pelo mundo greco-romano, exortando uma visão do património, especialmente aquando do Império Romano, em que as ruínas devem ser protegidas, para uma doutrina arquitetural de coesão, para que o próprio poder imperial não se deteriorasse (p. 171).

O capítulo III *L'Art d'Accommoder Les Vestiges: La Voie Chinese* explora principalmente as diferenças que a China antiga possui face às civilizações anteriores. A mais notória é, como Schnapp verifica, a inexistência de um corte efetivo entre o Passado e o Presente (p. 182). É visível na tradição que rodeia os vasos de bronze que se mantém constante entre as origens e à décima dinastia Qing. A curiosidade e o espírito antiquarista são dotadas de um racionalismo muito característico, especialmente visível na poesia chinesa antiga, que Schnapp utiliza abundantemente como fonte principal, com poetas como Zhuangzi e Zhang Heng (p. 192). Um ponto extremamente positivo deste capítulo é a sua habilidade comparativa, onde se condensa todas as interpretações anteriores e se reforça a semelhança com a Renascença europeia e a Idade da Razão: o caminho da China antiga vê as ruínas como fragmentos, traços dos quais é possível extrair informação, mas que fazem parte das vidas, da arte e da poesia que lhe é contemporânea. A Natureza acaba por ser a etapa final para a ruína neste âmbito, em que o seu deterioramento, implica uma vitória da fauna e da flora sobre os monumentos humanos, um ato de humildade e resignação que deve ser documentado, segundo a poesia de Bao Zhao (p. 197). Schnapp considera que a noção oriental face às antiguidades é a verdadeira precursora do espírito da *Grand Tour* europeia, onde as viagens e a visibilidade de paisagens com vestígios do Passado são extensamente documentadas nas fontes da época, uma interpretação que possui implicações diretas para o estudo da História da Arqueologia. No entanto, o autor reforça o seu argumento demonstrando o notável vocabulário adaptado a realidades históricas já existente: *shenji*, que se reporta a vestígios com intervenção divina; *guji*, vestígios de interesse para os antiquários; *yuji*, traços remanescentes, mais vocacionados para o que entendemos como ruína genérica e *shengji*, locais de grande interesse histórico. Schnapp encerra este complexo capítulo, cuja densidade é notória, com questões em aberto, contrapondo distintas interpretações de investigadores contemporâneos referente ao pensamento oriental antigo face à ruína, no que se considera ser uma das partes mais bem executadas da obra, abrindo horizontes navegáveis somente com uma abordagem entre o Ocidente e Oriente.

O capítulo IV *Le Passé entre Exécration et Admiration: Les Ruines de L'Empire et L'Europe Médiévale* volta à Europa medieval, com especial enfâse no Império Bizantino. Dado o retorno a paisagens já anteriormente moldadas pelo Império Romano, as ruínas que são inerentes a este último são alvo da mais profunda admiração, pela sua beleza e esplendor. Mais ainda, as ruínas são apropriadas, tidas como bases sólidas e dignas para novos monumentos, como é o caso dos missionários de São Ruperto, optando por edificar um mosteiro na antiga *Iuvavum* – atual Salzburgo. Restos do Passado, as ruínas são igualmente percecionadas com o seu caráter utilitário. Já poemas como *The Ruin* e *The Wanderer* exaltam sentimentos de nostalgia, em que as ruínas são âncoras que permanecem num mundo em permanente mudança, onde caem Impérios, vilas se abandonam e novas ordens surgem (p. 272). Ao longo da Idade Média, a ruína é o mote para uma reconciliação entre o Presente e o Passado, entre a destruição e a renovação (p. 291), uma autêntica metáfora que poderia facilmente emergir no século XXI da nossa era.

Repentinamente, cessa-se a análise à Europa e no capítulo V com o sugestivo título «*Les Ruines de L'Être*»: *Le Monde Préislamique et Islamique*, principia uma reflexão de longa duração sobre as ruínas no mundo islâmico. É enunciada, tal como em capítulos anteriores, a questão de um corte veemente, entre o mundo pré-islâmico, a que corresponde a uma etapa de ignorância – *ğâhiliyya* – cuja poesia relega para uma curiosidade face a vestígios e ruínas que se destacam no deserto, com uma lógica completamente oposta à ideia do mundo greco-romano face à erosão da memória: ao invés de ser a componente da ruína que se perde na Natureza, é a

própria Natureza que se desvanece, dando lugar a ruínas e vestígios de épocas passadas (p. 362). Novamente, Schnapp usa a poesia para ilustrar estes elementos, com a vantagem de existir um conjunto de literatura vocacionado para a ruína, que vê esta última como uma reflexão face à obra e eventual decadência de grandes monumentos. Os vestígios de outrora servem igualmente para uma comparação temporal, onde o poeta utiliza a ruína para distinguir precisamente um passado triste, ignorante, ruinoso de um presente novo, de civilização organizada. O tempo é fulcral para estabelecer essa divisão e a ruína, já para a poesia do Islão, tem de ser usada em formas poéticas – *nasîb* e *qaṣîḍa* – para atingir uma nova visão do Passado. A ruína enquanto meio de compreensão, reflexão e contemplação inaugura novas formas literárias que combinam a poesia com a epigrafia – *ġarîb* –, onde a ignorância já não tem lugar. As ruínas servem o seu propósito quando utilizadas para a escrita da história islâmica, oferecendo paralelos temporais e uma sequência passível de ser percecionada, onde Schnapp toma como exemplo as atividades historiográficas de Ibn Ḫaldûn (p. 383). O fascínio pelas ruínas que detêm hieróglifos, as monumentais pirâmides egípcias, as inscrições reais de Persépolis e Pasárgada, as ruínas do Magreb, todos estes elementos enunciam um Passado que é tangível, que pode e deve ser explorado. O monumento como prova da História, como descrito pelo geógrafo Ibn Ḥawqal, é uma realidade adquirida no pensamento islâmico do século X (p. 430).

O capítulo VI *Les Ruines Comme Instrument de Renouveau: De Pétrarque à la Découverte de L'Amérique* é, provavelmente, o trecho mais dissonante da obra. O interlúdio protagonizado pelo capítulo anterior quebra uma linha de pensamento que sairia abonada se a Europa medieval fosse explorada até ao seu fim, no mesmo local. De facto, a parte inicial deste capítulo acaba por reforçar a ideia de renovação e reconciliação do capítulo IV, ainda que com novos dados e fontes, pelo que a sua inserção neste último seria mais vantajosa. Não obstante, aquando da passagem para o século XV, um novo horizonte se abre, com uma estética cristã adossada à ruína, patente em ilustrações da mais variada índole. O que esta etapa enuncia igualmente é uma redescoberta – um Renascimento – das ruínas da Antiguidade Clássica. Schnapp utiliza a noção de *paysage des ruines* para estabelecer uma tradição artística que retrata composições em que a abundância de vestígios é tal que são um elemento assoberbante para aquele que as visiona, como a obra de Herman Posthumus, *Landschaft mit römischen Ruinen* (1536). Do contacto com a América, a ruína tem uma componente tangível, um contacto direto com o que, para a Europa, é um Passado, mas para o habitante que é interpelado pela última, o seu quotidiano (p. 525).

O penúltimo capítulo, *L'Universalité des Ruines*, é precisamente a visão da Idade dos Antiquários, com o século XVI e XVII a assumirem uma postura de exaltação da ruína, transposta para os mais variados suportes e temas, com a ruína como alegoria com o *Theatrum vitae humanae* (1577) de Vredeman de Vries ou a ruína como tradição com *L'Adoration des Rois Mages* de Nicolas Poussin. É aqui que começa uma importante mudança: se as antiguidades pertenciam a uma dimensão longínqua, o cenário que os gabinetes de antiguidades e curiosidades demonstra é agora o oposto. Das ruínas se constroem espaços e de ilustrações se cultivam os mesmos, com um apogeu da pintura relacionada com vestígios do Passado a ser remetido para a transição para o século XVIII (p. 604). No fundo, são tantos e tão variados os veículos que utilizam a ruína no seu âmago, que o espírito Iluminista toma-a como algo universal, derivado de uma experiência humana transversal – não é assim estranha a consolidação de um culto às ruínas, de *Grand Tours*, de publicações sobre antiguidades ao longo do século XVIII (p. 629).

E, por fim, a conclusão, *L'Impunité des Ruines*, que explora a proposta de Schnapp para o conceito de universalidade para as ruínas: que somente uma visão holística, comparativa e crítica pode formular uma ideia de ruína que ultrapasse interpretações pré-concebidas. Neste ponto, com toda a base de exposição e argumentação oferecida, resta ao leitor escolher se realmente a longa viagem por diferentes olhares sobre a ruína é simplesmente a visão aplicada do Iluminismo europeu, ou algo mais. Mas, com toda a riqueza que Schnapp oferece a nível de conceitos, fontes, contraposições e comparações, é inevitável que se ganhe uma nova perspetiva do que a ruína foi, é e poderá vir a ser. Alain Schnapp consegue assim realizar um feito já de si complexo: tornar a sua anterior descoberta do Passado uma antecâmara para esta nova análise. Através de uma narrativa que agarra o seu leitor, a obra é em si uma fusão entre o mistério que a ruína provoca

a todos os que com ela se cruzam com uma historiografia do conceito. Como referimos antes, a ruína é um ponto fundamental, mas esta História Universal é, mais que tudo, uma nova História do Pensamento sobre o Passado. Por todos estes motivos, é uma obra de grande qualidade e de interesse para a História e Teoria da Arqueologia, com todo o potencial de se tornar um manual inestimável para quem se debruce sobre estas temáticas: uma leitura incontornável para explorar os longos e imprevisíveis ritmos de uma ideia.

Agradecimentos

Este trabalho foi apenas possível com o financiamento da bolsa de investigação proveniente da FCT, inserida no projeto de doutoramento "O Teórico Artificial: identificar conceitos, ideias e padrões no discurso arqueológico na Península Ibérica (XX-XXI) com recurso a métodos de Inteligência Artificial e Aprendizagem Automática" com a referência 2020.08612.BD.

Referências bibliográficas

SCHNAPP, A. (1990) – Bruce G. Trigger. A history of archaeological thought. xvi + 500 pages, 50 figures. 1990. Cambridge & New York: Cambridge University Press; ISBN 0-521-32878-0 hardback £37.50 & $59.50. *Antiquity*, 64(245): 958-960.

SCHNAPP, A. (1996) – *The Discovery of the Past: The Origins of Archaeology*. Londres.

SCHNAPP, A. – von FALKENHAUSEN, L. – MILLER, P. – MURRAY, T. (eds.) (2014) – *World Antiquarianism: Comparative Perspectives*. Los Angeles.

POLÍTICA EDITORIAL

Objectivos

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada sob a direcção de Victor S. Gonçalves em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017), a Revista Ophiussa converte-se numa edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

Periodicidade

A Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro semestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

Secções da revista

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Os autores / editores que pretendam apresentar uma obra para recensão devem enviar dois exemplares para a direcção da Revista Ophiussa: um para o autor/autora da recensão que será convidado para o efeito e outro para a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Aceita-se igualmente a apresentação de propostas de recensões espontâneas.

Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Processo de avaliação por pares

Os artigos submetidos são sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (double blind peer review).

Todas as submissões (artigos e recensões) serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os artigos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / double blind peer review (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica.

O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores.

A lista dos avaliadores será publicada em ciclos de 3 anos, indicada no final da Revista Ophiussa (versão impressa e digital).

Ética na publicação

A Revista Ophiussa segue as orientações estabelecidas pelo Commitee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): https://publicationethics.org/

Apenas serão publicados artigos originais. Para efeito de detecção de plágio ou duplicidade será utilizada a plataforma URKUNDU (https://www.urkund.com/pt-br/). Serão rejeitadas práticas como a deformação ou invenção de dados. Os autores têm a responsabilidade de garantir que os trabalhos são originais e inéditos, fruto do consenso de todos os autores e cumprem com a legalidade vigente, dispondo de todas autorizações necessárias. Os artigos que não cumpram com estas normas éticas serão rejeitados.

As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica.

O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial.

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas.

Serão considerados os seguintes princípios éticos:

1) RESPONSABILIDADE

A Revista Ophiussa através dos editores e autores tem a responsabilidade absoluta de aprovação, condenando todas as más práticas da publicação científica.

2) FRAUDE CIENTÍFICA:
A Revista Ophiussa procurará detectar manipulação e falsificação de dados, plágio ou duplicidade, com os mecanismos de detecção adequados.

3) POLÍTICA EDITORIAL E PROCEDIMENTOS
a) Os autores devem ter participado no processo de investigação e do processo de revisão, devendo garantir que os dados incluídos são reais e autênticos e estando obrigados a emitir retracções e correcções de erros de artigos publicados;
b) Os revisores devem efectuar uma revisão objectiva e confidencial e não ter conflitos de interesse (investigação, autores ou financiadores), devendo indicar obras publicadas relevantes que não foram citadas;
c) Na detecção de fraude ou má prática em fase de avaliação deve ser indicada pelos revisores e na fase de pós publicação por qualquer leitor.
d) Em caso de detecção de más práticas em fase de avaliação ou de detecção de artigos publicados previamente, o Conselho Editorial remeterá a ocorrência ao autor estabelecendo um prazo de 7 dias para esclarecimento, sendo posteriormente avaliada pelo Conselho de Redacção. Em fase de pós publicação, o Conselho Editorial poderá arquivar ou determinar a retratação num número seguinte, indicando-se os trâmites prévios.

Política de preservação de arquivos digitais
A revista garante a acessibilidade permanente dos objectos digitais através de cópias de segurança, utilização de DOI, integrando a rede Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), que gera um sistema de arquivo descentralizado.
Relativamente ao auto-arquivo, a revista integra também o Sherpa/Romeu
(https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841).

Política de acesso aberto
Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento. A edição segue as directrizes Creative Commons (licença CC/BY/NC/ND 4.0).
A publicação de textos na Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.
Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada em acesso livre.

Para mais informações contactar:
ophiussa@letras.ulisboa.pt

EDITORIAL POLICY

Objectives
Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started under the direction of Victor S. Gonçalves in 1996, with the edition of volume 0. After Volume 1 (2017) it became a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X).
The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Periodicity
Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

Journal sections
The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.
Authors / editors wishing to submit a book for review should send two copies to the direction of Revista Ophiussa: one to the author of the review who will be invited for the purpose and another to the Library of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. Spontaneous proposals are also accepted.
Papers written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

Peer review process
Submitted articles are subject to a double blind peer-review evaluation process.
All submissions (articles and reviews) will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal editing standards. Articles that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by UNIARQ direction and external researchers, will follow the editing process.
This stage will be carried out by qualified researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author(s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.
Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case, up to the date of its publication.
Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors.
The list of reviewers will be published in 3-year cycles, indicated at the end of *Ophiussa* (printed and digital version).

Publication ethics

The Journal Ophiussa follows the guidelines established by the Commitee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): https://publicationethics.org/
Only original papers will be published. For the purpose of detecting plagiarism or duplicity, the URKUNDU platform (https://www.urkund.com/pt-br/) will be used. Practices such as the deformation or invention of data will be rejected. Authors are responsible for ensuring that the works are original and unpublished, the result of the consensus of all authors, and comply with current legality, having all necessary authorizations. Articles that do not comply with these ethical standards will be rejected.
Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.
It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.
Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition.
The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.
The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published.
The following ethical principles will be considered:

1) RESPONSIBILITY:
Ophiussa through its editors and authors has the absolute responsibility for approval, condemning all bad practices of scientific publication.

2) SCIENTIFIC FRAUD
Ophiussa will seek to detect manipulation and falsification of data, plagiarism or duplicity, with the appropriate detection mechanisms.

3) Editorial policy and procedures:
a) Authors must have participated in the research process and in the review process, and must ensure that the data included is real and authentic and are obliged to issue retractions and corrections of errors of published articles;
b) Reviewers must carry out an objective and confidential review and have no conflicts of interest (research, authors or funders), and must indicate relevant published works that were not cited;
c) In the detection of fraud or malpractice in the evaluation phase, it must be indicated by the reviewers and in the post-publication phase by any reader.
d) In case of detection of bad practices in the evaluation phase or of detection of previously published articles, the Editorial Board will send the occurrence to the author, establishing a period of 7 days for clarification, which will be subsequently evaluated by the Editorial Board. In the post-publication phase, the Editorial Board may file or determine the retraction in a subsequent issue, indicating the previous procedures.

Digital file preservation policy

The journal guarantees the permanent accessibility of digital objects through backup copies and use of DOI, integrating the Public Knowledge Project's Private LOCKSS Network (PKP-PLN), which generates a decentralized file system.
Regarding the self-archiving, the magazine also includes Sherpa/Romeu
(https://v2.sherpa.ac.uk/id/publication/41841).

Open access policy

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge. If follows Creative Commons guidelines (license CC/BY/NC/ND 4.0).
The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.
This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. It also has a digital version, in color, available in open acess.

For more information contact:
ophiussa@letras.ulisboa.pt

AVALIADORES OPHIUSSA (2021-2023)

Adriano Orsinger
Albert Ribera Lacomba
Ana Delgado Hervas
Ana Margarida Arruda
Ana Maria Niveau de Villedary y Mariñas
António Faustino Carvalho
Artur Ribeiro
Carlos P. Odriozola
Catarina Costeira
Catarina Viegas
César Neves
Chris Jarret
Cleia Detry
Corina Liesau
Daniel Mateo Corredor
David González-Álvarez
Enrique García Vargas
Esther Rodríguez González
Feliciana Sala-Sellés
Francisco Gomes
Horacio Gonzalez Cesteros
Javier Heras Mora
Jesús Acero Pérez
Joan Daura
João Fonte
João Luís Cardoso
João Marreiros
Joaquina Soares
José Carlos Quaresma
José Clemente Martin de la Cruz
José Ruivo
Leonardo Garcia Sanjuan
Lourdes Roldán Gómez
Macarena Bustamante Álvarez
Manuel Santonja
María Isabel Rodríguez López
Maria João Valente
Maria José de Almeida
Mariana Diniz
Mariano Torres Ortiz
Marta Diaz-Guardamino
Marta Moreno García
Montserrat Sanz
Rafael Garrido Pena
Rafael Martinez
Ricardo Costeira da Silva
Rui Gomes Coelho
Rui Morais
Sergio Escribano Ruiz
Tânia Casimiro
Telmo Pereira
Victor S. Gonçalves

OPHIUSSA
REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
7 - 2023

ÍNDICE

Os bifaces da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal): uma (re)interpretação 5
CARLOS FERREIRA, JOÃO PEDRO CUNHA-RIBEIRO, EDUARDO MÉNDEZ-QUINTAS

O Neolítico Médio no sítio de ar livre da Costa do Pereiro (Torres Novas) 31
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO, NATHALIE ANTUNES-FERREIRA, JUAN FRANCISCO GIBAJA

Pipas (Reguengos de Monsaraz, Évora): um sítio dos inícios do Neolítico Médio do Sul de Portugal 61
CARLOS TAVARES DA SILVA, JOAQUINA SOARES

A questão dos enterramentos em urna na Idade do Ferro do Sul de Portugal: uma revisão integrada 95
FRANCISCO B. GOMES

A ocupação romana republicana do sítio de Eira da Alorna (Almeirim) 121
JOÃO PIMENTA

O sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo, Coimbra) – Novas considerações acerca do seu posicionamento na rede viária romana 141
INÊS RASTEIRO

Recensões bibliográficas 161
(TEXTOS: ANA CATARINA SOUSA, VICTOR S. GONÇALVES, JUAN ANTONIO HERNÁNDEZ GENTO, ANA ANDÚJAR SUÁREZ, DANIEL CARVALHO, FREDERICO AGOSTO)

In memoriam 183
Grégor Marchand (1968-2023)

Política editorial 187

Editorial policy 188

Avaliadores Ophiussa (2021-2023) 191